

Opinião

opinião@rac.com.br

“Aceitar essa brincadeira com a democracia seria ficar pessoalmente comprometido com o atraso do processo”

Renan Calheiros, ontem, no plenário do Senado, ao decidir pela continuidade do rito do impeachment



manuel carlos



Tchau, querida!

Hoje é o último dia de Dilma Rousseff na Presidência da República. Os brasileiros já podem respirar mais aliviados diante do término de um dos piores governos de sua história.

Dilma fechou os olhos e tapou os ouvidos diante de tanta corrupção que tomou conta do País, maquiou as contas do governo com suas pedaladas fiscais, deixou disparar a inflação e acabou com a economia.

Áreas essenciais como saúde, educação, economia e segurança pública estão em frangalhos, e é pelo conjunto da obra que ninguém mais suporta vê-la na Presidência.

Ela é teimosa e afirma que não vai renunciar, dando uma clara demonstração de que não se importa com o País e nem com os brasileiros.

Na semana passada o STF, em uma decisão muito peculiar e talvez inconstitucional, suspendeu o mandato de Eduardo Cunha, afastando-o da Presidência da Câmara e da linha sucessória da Presidência da República.

Seu substituto Waldir Maranhão, assim como Cunha, está sob investigação na Operação Lava Jato. Segundo o depoimento do doleiro Alberto Youssef em sua delação premiada, Maranhão fazia parte de um grupo de menor expressão do PP que recebia repasses mensais entre R\$ 30 mil e R\$ 150 mil da cota da legenda no petroleo.

Assim como Dilma, que vai sair atirando para todos os lados, Cunha não saiu calado e disse ter havido interferência clara e nítida no Legislativo e que sofreu retalia-

ção política pelo processo de impeachment porque o PT gosta de companhia no banco dos réus.

Michel Temer vai assumir o governo nesse clima e terá que fazer mágicas para tirar o País dessa crise política e econômica.

Espero que rapidamente reduza o tamanho do Estado e equilibre as contas públicas, formando seu ministério com pessoas de bem, pois se isso não acontecer os brasileiros voltarão às ruas.

O Ministério da Justiça deverá ser ocupado por alguém com credibilidade e que nos garanta um apoio muito grande ao juiz Sérgio Moro, que vai continuar prendendo esses bandidos que assaltaram a República.

Não fosse o maldito foro privilegiado, tenho certeza iria faltar cadeia para prender tanta gente.

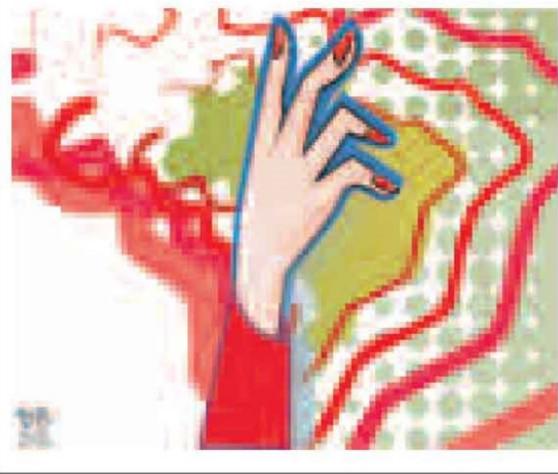
O STF e o Congresso Nacional desde o início do ano não fazem outra coisa senão apagar esse incêndio provocado por um governo corrupto e sem eficiência.

Não acredito que Dilma conseguirá evitar seu impeachment, pois afastada da Presidência será abandonada até mesmo pelo PT e por Lula.

Dessa forma Michel Temer terá tempo suficiente para arrumar a casa e reverter essa crise política jamais vista na história do Brasil.

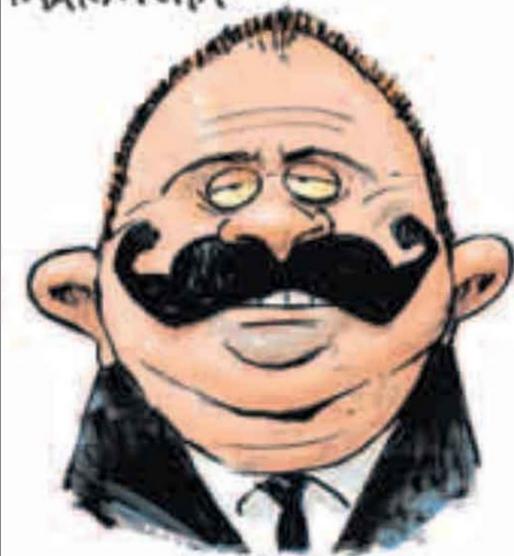
Os investimentos voltarão rapidamente pondo fim ao desemprego alarmante, e temos que depositar no novo presidente toda a confiança, porque ele se tornou nossa última esperança.

Manuel Carlos Cardoso é advogado e professor (cardoso@rac.com.br)



dalcio

MARANHÃO



POLÍTICA

Aura, destino e necessidade

EDUARDO BORGES
caeborges@uol.com.br

“Temer, o verbo, é uma obrigação cívica à vista do que se pode esperar dos cidadãos, quase todos, para compor um governo Temer, o nome. A voracidade com que os oportunistas se lançam em disputa por um bom pedaço do governo só se equipara, em despudor, à ostensiva incitação desse ataque felino como expediente do próprio Temer – um modo de se fazer visto como presidente”. A análise acima do membro do conselho Editorial da *Folha de São Paulo*, o jornalista Jânio de Freitas, a respeito do atual vice-presidente, tirando a elegância peculiar da sua escrita, não deixa de ser a sentença de morte do Brasil no pós-impeachment.

É nesses momentos de crise que a discussão em torno do sistema de governo fica restrita aos “entendidos”, e talvez por isso passe a ter sentido a velha anedota afirmando ironicamente o seguinte: não somos parlamentaristas ou presidencialistas, mas vice-presidencialistas...

Historicamente os exemplos não são desconexos, pelo contrário. Desde 1946, apenas 9 presidentes foram eleitos democraticamente ou tiveram o reconhecimento popular. Eurico Dutra em 1946, Getúlio Vargas em 1950, Juscelino Kubitschek em 1955, Jânio Quadros em 1960, Tancredo Neves em 1985, Fernan-

do Collor em 1989, FHC em 1994 e reeleito em 1998, Lula em 2002 e reeleito em 2006, e Dilma Rousseff em 2010.

Apenas Dutra e os civis JK, FHC e Lula conseguiram completar o mandato, isso se efetivar a interrupção do mandato de Dilma. O presidente Vargas suicidou-se, Jânio renunciou, Tancredo foi internado na véspera da sua posse e morreu logo em seguida, e Collor sofreu impeachment em 1992.

Os fatos indicam que a recente democracia brasileira terá 2 presidentes impedidos em 24 anos. Dos 9 presidentes eleitos, 5 foram sucedidos por seus vices, caso venha se confirmar a posse de Michel Temer. Os vices que se tornaram presidentes, Café Filho, João Goulart, José Sarney, Itamar Franco e o provável Temer ascenderam ao poder porque o curso da história foi modificado por “eventos” ocorridos no meio do caminho, e desses vice-presidentes, dois ainda foram depositos: Café Filho em 1955 e João Goulart em 1964.

Na Constituição os vices existem para substituir os ti-

tulares ou sucedê-los nos casos de vacância. Mas é possível fazermos um paralelo entre os dois processos de impeachment? As condições para o Brasil se pacificar num governo de transição são possíveis?

Dos vices presidentes que assumiram, Itamar Franco é a grande referência contemporânea. Era um outsider, mas construiu de fato um governo de conciliação nacional, exceto o PT que optou em fazer oposição sistemática. Ele dialogava com a sociedade de maneira transparente, dizia que a presidência em sua vida foi obra “do acaso, do destino ou de Deus”. Ao dar respaldo político ao Plano Real, estabilizou a moeda e deu início à modernização do Estado.

E FHC como ministro das Relações Exteriores e depois da Fazenda do Governo Itamar, elegeu-se presidente no 1º turno. Quem será o “FHC” de Michel Temer? Ele mesmo? Serra? Meirelles? Ou ele será interrompido?

O renomado cientista político Carlos Melo, do Insper, fez uma análise perspicaz do

novo dono do poder, quando sentenciou: “as dificuldades para o vice são notórias, sobretudo, quando seu virtual mandato não possui a aura da tragédia ou do destino”.

A travessia pra 2018 será longa, não há no horizonte consenso para antecipar as eleições presidenciais, e o pacto em torno de Temer vem rechaçando a ideia, argumentando que isso implicaria num “golpe”.

Por outro lado, a esquerda mais ortodoxa, imaginando a tragédia do eventual governo, busca no Dezoito Brumário de Louis Bonaparte, 1852, do velho Marx, as suas crenças: “os homens fazem sua própria história, mas não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado”.

Mas o estilo é o homem, assim fala a necessidade. Se Temer propuser uma série de reformas econômicas e políticas, compor um ministério à altura da sociedade e não apenas dos partidos, não tentar desqualificar a operação Lava Jato e deixar de ser menos PMDB, a pecha de “golpista, traidor, conspirador e raposão” ficará apenas na retórica do petismo e de seus áulicos.

Se Temer dispuser de si mesmo, o Brasil sobreviverá. E o primeiro passo é jogar os fisiológicos e suas corjas aos “leões”. Essa é a aposta ou existe outra?

Eduardo Borges é sociólogo e pós-graduado pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo



MODERNIDADE

O dinheiro na era da tecnologia

MARCELO COELHO

Recentemente, uma “explosão digital, exponencial e combinatória”, definição cunhada por Erik Brynjolfsson e Andrew McAfee no livro “The Second Machine Age” (A Segunda Era das Máquinas), tornou realidade tecnologias até então concebidas apenas como ficção científica: de carros elétricos sem motorista a aplicativos que conversam com humanos em qualquer idioma, de sofisticadas ferramentas de “big-data” a viagens espaciais para pessoas comuns. A onda cau-

sada por essa explosão trouxe consigo a reinvenção da nossa relação com o dinheiro, tornando quase impossível estar imune à força transformadora da tecnologia.

No Brasil, nos últimos 20 anos, a internet foi responsável por diversas mudanças na maneira de comprar e pagar dos consumidores. O investimento considerável em tecnologia da informação, realizado pelas instituições de pagamento on-line, permitiu a construção de uma relação de confiança entre compradores e vendedores no mundo virtual.

A Explosão Digital do conceito de e-Wallet já é uma realidade por aqui com a adesão rápida dos e-consumidores

ao pagamento móvel. Uma solução tecnológica, representação virtual da tradicional carteira de cartões e dinheiro em espécie, guarda nossas informações pessoais de pagamento no smartphone para que possam ser usadas nas transações do dia a dia. Em um futuro próximo, essas transações estarão conectadas a novos formatos de criptografia via *blockchains* (bancos de dados seguros descentralizados), transformando nosso dinheiro em algo totalmente proprietário e imune a esquemas maliciosos.

Em relação aos processos financeiros, a ‘explosão exponencial’ é o chamado *peer-to-*

peer (P2P), o envio de dinheiro entre pessoas, de qualquer lugar do planeta, através de seus celulares. Com um toque na tela do smartphone, colegas e amigos podem transferir ou receber dinheiro com total segurança. A identificação já é feita por biometria e a transação é realizada na conta oferecida por uma instituição de pagamento on-line. No Brasil isso é realidade e tem um potencial enorme de crescimento, especialmente se considerarmos que, segundo o IBGE, cerca de 40% da população economicamente ativa do País não têm conta bancária, mas possuem um celular.

Grande parte dos Millennials, pessoas nascidas entre

1980 e 2000, já não vê necessidade de interagir com instituições off-line. É possível pagar contas, enviar dinheiro, remeter moeda estrangeira, solicitar cartões e até obter empréstimo pessoal ou empresarial sem a necessidade de ser “bancarizado”. As chamadas *FinTechs – Financial Technology Businesses* -, ou empresas de tecnologia financeira, oferecem essa “explosão combinatória” com soluções no formato favorito das novas gerações: a partir de um aplicativo mobile. O acesso é instantâneo e pode ser feito por qualquer um, em qualquer lugar, a qualquer hora e de forma totalmente segura.

O acesso aos meios virtuais de pagamento também disseminou no ambiente da economia o conceito de *Omnichannel*. O consumidor pode iniciar uma compra no notebook e finalizá-la no celular, ou até mesmo presencialmente, se a mercadoria for re-

tirada na loja, por exemplo. Não há barreiras entre os diversos canais de acesso on-line e os Mobile POS, as chamadas “maquininhas de cartão” do mundo off-line. Todos estão unificados na nuvem por aplicações totalmente criptografadas, e permitem melhores índices de conversão nas transações comerciais, atendendo às demandas de consumidores e vendedores.

O que dizer então do dinheiro diante desses que são apenas os primeiros efeitos da “explosão digital, exponencial e combinatória”, pela qual ainda estamos passando? Seguramente não será o seu fim, mas nossa relação com ele será cada vez mais fluida e pautada em um meio de troca invisível e imperceptível.

Marcelo Coelho é vice-presidente da câmara.e-net-Câmara Brasileira de Comércio Eletrônico e diretor geral do MercadoPago.com